

Apresentação

Os textos reunidos nos três primeiros Cadernos “Metrópole: desigualdade e governança” retratam o estágio da pesquisa comparativa que vem sendo desenvolvida por um coletivo de instituições¹ e que ganhou institucionalidade ao se transformar, em 1997, no Grupo de pesquisa PRONEX “Metrópole, desigualdades sócio-espaciais e governança urbana: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte”. Nestes números são apresentados textos referentes a essas três regiões metropolitanas, complementados por textos de outros pesquisadores, com os quais mantemos relações sistemáticas de intercâmbio e cooperação e que vêm estudando as metrópoles de Porto Alegre e Buenos Aires.

A análise comparativa está ancorada na adoção, pelas equipes, de um mesmo quadro teórico, a partir do qual foi construída uma única problemática de pesquisa e definido um modelo metodológico comum. Trata-se de uma situação acadêmica pouco freqüente, uma vez que trajetórias intelectuais, universitárias e profissionais, e tradições institucionais tendem a limitar as possibilidades de pesquisas coletivas capazes de produzir resultados efetivamente comparáveis. Na grande maioria dos casos, a comparação se resume em cotejar os resultados de pesquisas individuais, desenvolvidas sob bases teóricas e procedimentos teóricos diferentes, o que não assegura necessariamente a construção de sínteses generalizáveis. Conseguimos superar esses obstáculos, em primeiro lugar, pela existência de uma atitude aberta naqueles que aceitaram o desafio, todos os portadores de tradições intelectuais reconhecidas no campo dos estudos urbanos e regionais. Em segundo lugar, pela existência de um acúmulo de reflexões adquiridas na longa participação de boa parte do grupo em fóruns de debates da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais – ANPOCS e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR.

Parece-nos, portanto, necessário oferecer ao leitor uma rápida apresenta o de elementos que unificam teórica e metodologicamente a compara o pretendida, na medida em que podem ajudar   própria leitura dos textos reunidos neste volume, que, como produto de um trabalho em andamento, em muitos aspectos expõem idéias em movimento e expressam diferentes níveis de avanço da reflexão.

A nossa interlocu o tem como ponto de partida as questões que vários pesquisadores, em vários países e a partir de diversos ângulos e disciplinas, têm formulado sobre efeitos das transforma es econ micas e sociais em curso desde o final dos anos 70 e as possibilidades históricas de um novo modelo de desenvolvimento que supere as tendências   exclusão social. Os debates sobre as chamadas global cities ocupam lugar de destaque nesta agenda, não apenas por nelas se concentrarem tais efeitos, mas também em razão da revaloriza o das condi es locais na explica o da modalidade dos capitais. A bibliografia sobre esse tema expressa a pol mica em torno do chamado paradigma de "p s-industrializa o". Para aqueles que o aceitam, as global cities seriam o produto direto das transforma es tecnológicas, especialmente aquelas relacionadas   expansão das telecomunica es e da informatiza o, e do crescente papel do terciário superior na economia global, com ênfases variáveis no "modo de produ o informacional" ou do capital financeiro. São os trabalhos orientados por esse paradigma que produziram as teoriza es mais elaboradas sobre as global cities, cuja hipótese central   a existência de vínculos estruturais e necessários entre a globaliza o das economias urbanas e a intensifica o de sua dualiza o social. Algumas análises sobre Nova Iorque, Londres e Tóquio, consideradas como exemplos de global cities, têm servido para afirmar a tendência   diminui o das categorias profissionais m dias, inclusive dos operários qualificados, em fun o da substitui o do setor industrial pelos novos serviços produtivos, como centro do dinamismo das economias urbanas globalizadas. Esta tendência   dualiza o da estrutura social também contribuiria para a dualiza o espacial, por meio da apropria o cada vez mais exclusiva dos espaços mais valorizados pelas fun es ligadas ao consumo de luxo, o que tem sustentado o surgimento de uma vasta literatura sobre temas como a Dual City.

Essa tese não  , entretanto, consensual no mundo acad mico internacional. A pol mica em torno da interpreta o dos efeitos da globaliza o expressa, na verdade, o confronto entre os paradigmas da pós-industrializa o e o da reestrutura o produtiva. Para os que adotam este conceito, as transforma es da economia não levam necessariamente   dualiza o da estrutura sócio-espacial das grandes cidades como resultado da polariza o binária ricos-pobres, ainda que os contrastes físicos e est ticos das diferenças sociais estejam cada vez mais exacerbados. Se, por um lado, os espaços exclusivos das categorias sociais abastadas são evidentes, por outro, a diversidade da estrutura social e a complexidade de sua distribui o espacial continuam em crescimento. Vários estudos sobre Paris, Londres, Madri,

Tóquio, entre outras metrópoles, chamam atenção para a dificuldade de se concluir sobre tendências universais e inexoráveis da globalização, em razão da inexistência de um modelo majoritário de globalização e das diferenças de trajetórias históricas entre cidades no movimento de transformação da sua base econômica ao serem incluídas nos macroprocessos de globalização. Se, por exemplo, a hegemonia da economia urbana é exercida pelo capital financeiro, verificam-se fortes tendências à transformação da cidade em “plataforma de exportação”. Nesse caso, apenas uma parte da estrutura urbana assume o papel de economia de aglomeração, surgindo movimentos de dualização da estrutura sócio-espacial.

O ponto que nos parece relevante neste debate é a constatação de que a globalização e a reestruturação são processos contraditórios, contendo dinâmicas de homogeneização e de singularização territorial, o que equivale dizer que as condições econômicas, sociais, institucionais e culturais locais podem ser fatores importantes na compreensão dos resultados sociais, espaciais e políticos da transformação das bases econômicas das metrópoles envolvidas neste estudo. Este pressuposto teórico-metodológico justifica e valoriza a pesquisa comparativa, como também nos permite assumir uma atitude crítica em relação à tensão otimismo-pessimismo, presente nos meios intelectuais brasileiros envolvidos na discussão do futuro das metrópoles brasileiras.

A nossa pesquisa também dialoga com debate sobre os efeitos das transformações sócio-espaciais no condicionamento do sistema político-institucional das cidades e os desafios colocados à adoção de modelos de gestão baseados na governança urbana. Existe na literatura um certo consenso a respeito dos destinos das cidades na globalização dependerem da construção de políticas fundadas nos princípios da ação concertada e negociada entre os atores, que permitam uma dupla trajetória: do aprendizado tecnológico e da instauração de convenções sociais entre forças locais. O primeiro princípio não deve ser simplesmente a instalação em uma dada cidade dos equipamentos necessários ao aumento da sua competitividade econômica, mas da aquisição de capacidade para se movimentar permanentemente em direção a estágios mais avançados de desenvolvimento tecnológico. Em outras palavras, trata-se de criar um ambiente que permita o domínio de espaços específicos da economia caracterizados por transbordamentos e complementaridades. Tal ambiente seria fruto de relações comerciais e não-comerciais, o que implica na segunda dimensão da trajetória, ou seja, a instauração de uma convenção entre os atores que permita sua coordenação para o cumprimento da trajetória econômica.

Em que medida o aprofundamento das desigualdades sócio-espaciais pode levar à fragmentação das identidades sociais, incentivar o individualismo negativo baseado no “familismo amoral”, empobrecendo a cultura cívica e destruindo o aprendizado participativo acumulado anteriormente ? Esses efeitos criam um

ambiente social muito pouco propício   constru o e implementa o de políticas públicas fundadas na estratégia da convenço. Encontramos exemplos na literatura de como a extrema segrega o urbana gera bloqueios duradouros   constitui o de identidades coletivas e   a o coletiva, como mostram vários trabalhos sobre os guetos negros americanos. Outros, ao contrário, mostram que certos casos de guetos étnicos e nacionais favoreceram a cria o de laços de solidariedade no interior de grupos pobres que permitiram a cria o de empreendimentos econ micos locais coletivos e competitivos. Outros resultados de pesquisas indicam, ainda, que a segrega o teve importante papel na forma o da identidade da classe operária parisiense, a partir da experiência da socializa o da vida fora do trabalho.

Questões desta natureza e outras, correlatas, serão abordadas neste e nos dois próximos números de nossos Cadernos, que, esperamos, sejam um convite   reflexão e   pesquisa sobre as metrópoles e seus desafios.

Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro

1 Instituto de Pesquisa e de Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ, Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – IUPERJ, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas – PUC-SP, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/USP, Centro de Estudos Urbanos – CEURB/UFRMG. Integram ainda este coletivo de pesquisa, na qualidade de parceiros e colaboradores, a Federa o de órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE e o Centre de Sociétés Urbaines – CSU/CNRS. A FASE participa com o IPPUR no desenvolvimento de um programa de pesquisa e extensão denominado Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal que, neste momento, tem como campo principal de atua o a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O CSU e o IPPUR mant m há alguns anos um programa de coopera o e intercâmbio científico sobre o tema que   objeto desta publica o e que, neste momento, se amplia em razão da constitui o do grupo PRONEX “Metrópole: desigualdades sócio-espaciais e governança urbana” envolvendo este conjunto de institui es.